

PPGDSTU promove “Dia de campo” em assentamento do MST

Mestrandos e doutorandos do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido (PPGDSTU) visitaram o Lote Agroecológico de Produção Orgânica (LAPO), no assentamento Mártires de Abril, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), em Mosqueiro. A programação “Dia de campo”, realizada no dia 17 de fevereiro, possibilitou reflexões sobre ética, planejamento, além de orientações sobre técnicas e métodos voltados para a pesquisa de campo por meio de uma experiência prática.

O coordenador do PPGDSTU, professor Ricardo Folhes, responsável pela programação, explicou que a solicitação partiu dos alunos, com apoio dos representantes discentes, durante conversas sobre planejamento de pesquisa. “Os estudantes pediram mais experiências práticas. Então sugerimos o evento para abordar as questões de campo e ao mesmo tempo estreitar laços com o MST, importante movimento social. Reunimos estudantes de diferentes linhas de pesquisa e com formações variadas, o que contribuiu com o debate interdisciplinar”, observou. Thales Maximiliano, professor do PPGDSTU, também colaborou com a orientação dos estudantes durante a roda de conversa.



Roda de conversa sobre pesquisa de campo no assentamento

A agricultora Teófila Nunes, conhecida como dona Téó, militante do MST, criou o LAPO na companhia do marido Mamede Gomes de Oliveira, falecido em 2012. Habituada a interagir com pesquisadores e estudantes de universidades públicas e privadas, ela recebeu um grupo do Naea pela primeira vez e compartilhou sua história de luta no

movimento social desde os tempos da ocupação da antiga fazenda da Taba, que originou o assentamento Mártires de Abril. O nome do assentamento homenageia os 21 trabalhadores rurais assassinados pela Polícia Militar no episódio que ficou conhecido como Massacre de Eldorado dos Carajás, em 1996, no Pará.

“A troca de saberes e experiências das mulheres agricultoras com a universidade avança a forma de pensar e entender o mundo da agricultura a partir de outro ponto de vista. O conhecimento da academia também ajuda a iluminar a agroecologia. Somos nós que alimentamos o país com comida sem agrotóxico, saúde e muita capacidade de lutar. Estou amando conhecer os pesquisadores do Naea porque não é todo mundo que apoia nossos projetos. Quando o professor orienta bem, estão todos abertos ao conhecimento com muita alegria e humildade, como vocês”, avaliou dona Téó.



Dona Téó, do MST, e o grupo do PPGDSTU produzindo mudas

Para Michely Ribeiro, aluna do mestrado, a experiência ajudou a “refletir sobre o trabalho de campo e sobre como nossas pesquisas podem contribuir positivamente com a sociedade. Quando estudamos as teorias, idealizamos segundo os autores. Quando vamos a campo, produzimos nossas próprias reflexões. Além disso, para quem não conhecia, desmistificar um movimento tão importante de práticas ecológicas como o MST é fundamental” acrescentou. Ao final da programação, estudantes e professores aprenderam a preparar mudas de plantas para reflorestamento sob orientação de dona Téó e da aluna do PPGDSTU Magda Nascimento, também integrante do MST.

***Texto e imagens: Tatiana Ferreira Reis, doutoranda do PPGDSTU**